

ELIZABETH KAY

SETE MENTIRAS

Tradução
Mário Correia

 Planeta

Para a Anne e o Bob Goudsmit
ou como sempre os conheci
mamã e papá

A primeira mentira

Capítulo 1

– E foi assim que conquistei o coração dela – disse ele, a sorrir.

Recostou-se na cadeira, a cruzar as mãos atrás da nuca. Sempre foi um convencido.

Olhou para mim, depois para o idiota sentado a meu lado, e de novo para mim. Estava à espera da nossa resposta. Queria ver os sorrisos a espalharem-se pelas nossas caras, sentir a nossa admiração, a nossa reverência.

Odiava-o. Odiava-o de uma maneira total, ardente, bíblica. Detestava o facto de ele repetir aquela história cada vez que eu ia jantar, todas as sextas-feiras. Não importava quem levasse comigo. Não importava com que depravado andasse na altura.

Contava-lhes sempre aquela história. Porque aquela história, claro, era o seu troféu máximo. Para um homem como o Charles – bem-sucedido, rico, encantador –, uma mulher bonita, resplandecente e cintilante como a Marnie era a última medalha da sua coleção. E porque se alimentava do respeito e da admiração dos outros, e talvez porque não recebia de mim qualquer destas coisas, compensava arrancando-as aos outros convidados.

O que eu queria dizer em resposta, e nunca disse, era que jamais podia ter conquistado o coração da Marnie. Um coração, se quisermos ser honestos, como estou enfim a ser, não pode ser conquistado. Só pode ser oferecido, só pode ser recebido. Não é possível persuadir, tentar,

mudar, silenciar, roubar, endurecer, tomar de assalto um coração. E não é de todo possível conquistar um coração.

– Natas? – perguntou a Marnie.

Estava de pé junto à mesa do jantar, com um jarro de cerâmica branco na mão. Tinha os cabelos presos na nuca, os caracóis soltos a enquadrarem-lhe o rosto e o colar torcido, com o fecho junto ao pendente, ambos suspensos à frente do esterno.

Abanei a cabeça.

– Não, obrigada – disse.

– Não estava a falar contigo – respondeu ela, e sorriu. – Já sei que não.



Quero dizer-te uma coisa agora, antes de começarmos. A Marnie Gregory é a mulher mais impressionante, inspiradora e espantosa que conheço. É minha amiga há mais de dezoito anos – a nossa relação é legalmente adulta; permite beber, casar, jogar – desde que nos conhecemos na escola secundária.

Era o nosso primeiro dia e estávamos a fazer fila num comprido e estreito corredor, uma linha de miúdos de onze anos a avançar a passo de caracol para uma mesa no extremo mais distante. Aqui e além tinham-se formado grupos, como ratos na barriga de uma cobra, a sobressair da ordeira fila indiana.

Eu estava nervosa, consciente de que não conhecia ninguém, a preparar-me psicologicamente para viver isolada e solitária a maior parte de uma década. Olhava para aqueles grupos e tentava convencer-me de que, de todos os modos, não queria pertencer a nenhum.

Dei um passo demasiado rápido, demasiado longo, e pisei o calcanhar da rapariga à minha frente. Ela voltou-se. Entrei em pânico; tinha a certeza de que ia ser humilhada, apostrofada e amesquinhada em frente dos meus pares. Mas esse medo dissipou-se no instante em que a vi. Eu sei que parece ridículo, mas a Marnie Gregory é como o Sol. Foi o que pensei na altura, e é o que agora penso muitas vezes. A sua

pele é chocantemente branca, um tom de porcelana creme temperado só de vez em quando – depois de fazer exercício, por exemplo, ou quando está muito contente – por umas faces rosadas. Os cabelos são de um mogno-profundo, entretecido em espirais de encarnado e ouro, e os olhos de um azul-pálido, quase branco.

– Desculpa – disse eu, e recuei, a olhar para os meus brilhantes sapatos novos.

– Chamo-me Marnie – disse ela. – E tu?

Aquele primeiro encontro é simbólico de toda a nossa relação. A Marnie tem uma abertura, um tom, que convida à simpatia e ao amor. É confiante sem pretensão, destemida e inconsciente de qualquer presunção que alguém possa levar para a conversa. Eu, pelo contrário, sou envergonhada, desconfiada. Tenho medo de qualquer potencial animosidade e estou sempre à espera do que vai acontecer. Estou sempre à espera de ser ridicularizada. Na altura, receava que as pessoas criticassem as borbulhas que me cobriam a testa, o meu cabelo castanho, o meu uniforme demasiado grande. Agora, o tom da minha voz, a maneira como treme, as minhas roupas – confortáveis mas raramente lisonjeiras –, o meu cabelo, os meus ténis, as minhas unhas roídas.

Ela é luz enquanto eu sou sombra.

Sabia-o na altura. Agora também ficas a saber.

– Nome? – ladrou a professora de blusa azul de pé atrás da mesa no extremo da fila.

– Marnie Gregory – disse ela, muito firme e segura de si.

– E... F... G... Gregory. Marnie. Estás naquela sala de aula, a que tem o C na porta. E tu? – continuou. – Quem és tu?

– Jane – respondi.

A professora ergueu os olhos da folha de papel à sua frente e voltou-os para o teto.

– Oh! – disse eu. – Peço desculpa. Baxter. Jane Baxter.

A professora consultou a lista.

– Com ela. Ali. Porta com o C.

Alguém poderia argumentar que foi uma amizade de conveniência e que eu teria aceiteado qualquer oferta de gentileza, de afeto, de amor.

E talvez seja verdade. Nesse caso, eu poderia contrapor que estávamos destinadas a ficar juntas, que a nossa amizade estava escrita nas estrelas, porque mais adiante no nosso caminho ela iria também precisar de mim.

Sei que isto soa a disparate. Se calhar até é. Mas há ocasiões em que seria capaz de o jurar.



– Sim, por favor – disse o Stanley. – Um pouco de natas.

O Stanley era mais novo do que eu e um advogado com uma série de diplomas. Tinha um cabelo louro-esbranquiçado que lhe caía para os olhos e estava sempre a sorrir, muitas vezes sem qualquer razão discernível. Sabia falar com mulheres, ao contrário da maior parte dos seus pares: resultado, penso eu, de uma infância rodeada por irmãs. Mas, no fundo, era um chato.

Sem surpresa, o Charles parecia apreciar-lhe a companhia. O que me fazia gostar ainda menos do Stanley.

A Marnie passou o jarro com as natas, a apertar a blusa contra a barriga. Não queria que o tecido – seda, acho – roçasse o topo da taça da fruta.

– Mais alguma coisa? – perguntou, a olhar para o Stanley, depois para o Charles, depois para mim.

O Charles vestia uma camisa às riscas azuis e brancas com os botões de cima desapertados, de modo que um triângulo de pelos pretos sobressaía entre as orlas do tecido. Os olhos dela pairaram ali por um instante. Ele abanou a cabeça e a gravata – com o nó desfeito e solto à volta do pescoço – deslizou ainda mais para a esquerda.

– Perfeito – disse a Marnie, enquanto se sentava e pegava na colher de sobremesa.

A conversa era – como sempre – dominada pelo Charles. O Stanley conseguia acompanhá-la, metendo pelo meio alguns dos seus êxitos, quando possível, mas eu estava entediada e penso que a Marnie também. Estávamos ambas recostadas nas respetivas cadeiras, a bebericar

o resto do vinho, e absortas nas conversas imaginadas que decorriam no interior das nossas cabeças.

Às dez e meia, a Marnie pôs-se de pé, como sempre fazia às dez e meia, e disse:

– Certo.

– Certo – repeti eu, e levantei-me também.

Ela levantou da mesa as nossas quatro tigelas e acomodou-as na dobra do braço esquerdo. Uma pequena pérola de sumo rosado de uma framboesa ainda agarrada à beira de um dos pratos sangrou para o branco da blusa. Eu peguei na taça da fruta agora vazia – tinha-a feito ela numa aula de olaria, anos antes – e no jarro das natas e segui-a até à cozinha, nas traseiras do apartamento.

Aquele apartamento – o apartamento deles – era um testemunho da relação entre os dois. O Charles tinha pago um sinal muito substancial, porque era ele quem pagava a maior parte das coisas, mas por insistência da Marnie. Ela soubera no mesmo instante que o apartamento tinha sido feito para eles, e não vai de certeza surpreender-te saber que a persuasão era um dos seus dons inatos. Quando se mudaram para lá era pouco mais do que um covil: pequeno, escuro, húmido, imundo, distribuído por dois pisos e desesperadamente mal-amado. Mas a Marnie sempre foi uma visionária; vê coisas onde mais ninguém consegue vê-las. Encontra esperança nos lugares mais escuros – até em mim, calcula – com a certeza de fazer qualquer coisa de excecional. Sempre lhe invejei esta autoconfiança. Vem, no caso da Marnie, de um lugar de teimosia. Não receia o fracasso, não por nunca ter fracassado, mas porque o fracasso sempre tem sido um desvio, uma pequena diversão, numa jornada que no fim a levou ao êxito.

Trabalhou de forma incansável – noites, fins de semana, todas as suas férias – para construir uma coisa bela. Com as suas pequenas mãos, arrancou papéis de parede, lixou portas, pintou armários, pôs alcatifas, arranjou soalhos, coseu cortinados: tudo. Até que aquelas divisões emitiram o mesmo suave calor que ela emite; uma calma confiança, uma reconhecível ainda que indefinível sensação de lar.

Colocou as tigelas na máquina de lavar, deixando um espaço entre elas.

– Ficam mais bem lavadas assim – disse.

– Eu sei – respondi, porque ela dizia a mesma coisa todas as semanas, porque eu fazia o mesmo som, um pequeno resmungo, todas as semanas, porque me parecia um desperdício de água.

– As coisas estão a ir bem com o Charles – disse ela.

Um formigueiro subiu-me pela coluna, obrigando-me a endireitar-me, a encher os pulmões de ar.

Só tínhamos falado da relação deles uma vez e fora uma conversa marcada pela longa e retorcida história da nossa muito antiga amizade. Desde então, só tínhamos falado em termos práticos: os planos deles para o fim de semana, a casa que haviam um dia de comprar muito para lá dos limites de Londres; a mãe dele, condenada pelo cancro, a viver na Escócia e a morrer de uma morte muito lenta, dolorosa e solitária.

Não tínhamos, por exemplo, discutido o facto de eles estarem juntos há três anos e de vários meses antes eu ter encontrado por acaso – sei que não devia ter andado a procurar – um anel de noivado com um diamante escondido nas profundezas da mesa da cabeceira do Charles. Nem tínhamos discutido o facto de, mesmo sem o tal anel, eles estarem a encaminhar-se para um compromisso permanente que poderia ligá-los para sempre como – mesmo ao fim de quase vinte anos – eu e a Marnie nunca tínhamos estado ligadas.

Não tínhamos discutido o facto de eu o odiar.

– Sim – respondi, porque tive medo de que uma frase inteira, talvez até uma palavra de duas sílabas, precipitasse a nossa amizade para o caos.

– Não achas? – disse ela. – Não achas que as coisas estão a correr bem para nós?

Assenti e deitei as natas que restavam no jarro na embalagem de plástico do supermercado.

– Achas que estamos bem um para o outro, não achas? – perguntou.

Abri a porta do frigorífico e escondi-me atrás dela, devagar – muito devagar –, para repor as natas na prateleira de cima.

– Jane? – insistiu.

– Sim – respondi. – Acho.

Foi a primeira mentira que disse à Marnie.

Agora – quase todos os dias, para ser mais exata – pergunto-me: se não tivesse dito aquela primeira mentira, teria dito todas as outras? Gosto de dizer a mim mesma que a primeira mentira foi a menos significativa de todas. Mas isso, ironicamente, é mentira. Se tivesse sido franca naquela noite de sexta-feira, tudo podia ter sido – tudo teria sido – diferente.

Quero que saibas isto agora. Pensei que estava a fazer o que era correto. As amizades muito antigas são como cordas com nós, gastas numas partes, grossas e bulbosas noutras. Tive medo de que o fio do nosso amor fosse demasiado fino, estivesse demasiado esfiapado, para suportar o peso da minha verdade. Mas com certeza o peso da verdade – que nunca tinha odiado ninguém como o odiava a ele – teria destruído a nossa amizade.

Se eu tivesse sido franca – se tivesse sacrificado o nosso amor pelo deles –, o Charles quase de certeza ainda estaria vivo.